

Metálogo: Vida, Cotidiano e Linguagem.

Luiz Antônio Botelho Andrade & Edson Pereira da Silva

Publicado na Revista Psicologia Clínica da PUC vol. 15, N.1, p.29-43, 2003.

1- INTRODUÇÃO

Os avanços da Biologia moderna nos abrem horizontes tecnológicos há pouco tempo inimagináveis mas nos impõem, ao mesmo tempo, tremendos desafios éticos. Assim, a título de exemplos, assistimos hoje a invasão dos transgênicos e a possibilidade técnica de se realizar a clonagem humana. Côncios de que a ciência e a tecnologia nem sempre avançam na direção do desejável, mas do possível, torna-se urgente problematizar, de todas as formas e em todos os níveis, temas relativos à vida e ao nosso que fazer humano, configurando assim um imenso desafio educacional. A importância deste desafio advém da necessidade de estarmos sempre preparados para nos posicionar, enquanto comunidade ético-política, frente às aplicações científico-tecnológicas de nosso tempo.

Este ensaio foi inspirado nas obras dos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (1, 2, 3) e do inglês Gregory Bateson (4). Aos dois primeiros se devem a criação e ao desenvolvimento do que hoje se denomina de Biologia do Conhecer¹. A Bateson se deve a criação de uma forma narrativa denominada “Metálogo” – definida pelo próprio autor como sendo uma conversa sobre um assunto problemático de tal forma que, não somente os participantes discutem o problema, mas a estrutura da conversa, como um todo, é também relevante para o tema que está sendo discutido.

¹ A Biologia do Conhecer teve início, na década de 70, no Chile, com a definição da organização do vivo, no âmbito molecular, de onde foi cunhado o termo autopoiese (autocriação). A partir dos desdobramentos do tema da autocriação, Maturana desenvolveu toda uma reflexão sobre o conhecer, o conhecer do conhecer, o explicar, o observar, o observador e a linguagem.

Como exemplos, temos os fascinantes Metálogos batesonianos sobre a Bagunça e o Instinto (4).

A conjunção desta dupla influência, chilena e inglesa, nos inspirou à escrever este ensaio intitulado “Vida, cotidiano e linguagem”, apresentado aqui na forma, por excelência, da discussão – o (meta)diálogo.

2- O METÁLOGO

I-Sobre explicar e explicações

F: Papai, você é professor de Biologia, não é? Então me responda: o que é um ser vivo?

P: Eu posso tentar responder esta questão, mas você tem que me ajudar (5).

F: Ajudar? Como assim?

P: O que eu quero dizer é que a resposta para esta pergunta não é simples e, portanto, eu preciso da sua ajuda, de um pequeno esforço seu para que eu possa te explicar.

F: Está bem, eu ajudo. O que é que eu tenho que fazer?

P: Muito simples, conversar comigo, conversar com os seus professores e ler um pouco sobre a questão.

F: Se eu tivesse que ler e conversar com tanta gente eu não teria te perguntado.

P: Você está quase certo. No entanto, eu gostaria que você entendesse que a leitura e as conversas em torno de uma pergunta nos ajudam a compreender melhor as diferentes respostas.

F: Diferentes respostas para uma mesma pergunta? Como assim?

P: Vou te dar um exemplo. Muitas pessoas já se perguntaram, como você, sobre o que é vida e, dependendo de como eles olharam o problema, de que lugar, de que tempo,

as respostas foram diferentes. Por isto, o mais importante é escolher aquela resposta que nos agrada mais, seja pela sua beleza seja pelo seu poder explicativo.

F: O que é o poder explicativo de uma resposta?

P: Uma explicação é sempre a proposta de um mecanismo gerativo que posto a operar produz o fenômeno (a coisa) que queremos explicar. No entanto, a aceitação de uma explicação para alguma coisa, depende de quem escuta. O poder explicativo de uma resposta é, portanto, o poder que um determinado mecanismo gerativo, proposto na resposta, tem de nos convencer ou de nos agradar (6). Entendeu?

F: Não.

P: Veja, no caso de sua pergunta inicial, o fenômeno que você pede como explicação ao me perguntar o que é um ser vivo, é o viver, é a vida. Assim, a resposta solicitada por você deve ser um mecanismo que, ao funcionar, gera o que nós chamamos de vida, ou ser vivo, como você preferir.

F: Pai, este negócio de mecanismo gerativo é muito difícil. Você não teria uma maneira mais simples de me explicar o que é um ser vivo?

P: Vamos tentar. Vamos primeiramente procurar uma maneira de diferenciar o que é vivo daquilo que não é vivo.

F: Mas isto eu já sei. Eu aprendi na escola que os seres vivos nascem, crescem, reproduzem e morrem.

P: Muito bom, mas vou fazer o papel do cientista que também adora fazer perguntas, como as crianças. Então veja: as características (propriedades) que você propôs não diferenciam um ser vivo de uma coisa que não tem vida. As estrelas também nascem, crescem e morrem. O fogo pode nascer, crescer, reproduzir e morrer. Os cristais crescem e podem se replicar. Nem as estrelas, nem o fogo e nem os cristais são seres

vivos, não é? Além disso, uma mula (cruzamento de um jumento com uma égua) é um ser vivo mas não se reproduz.

F: Legal, com este último exemplo eu posso dizer que nem criança, nem padre, nem a tia, são seres vivos!

P: É, mas tem uma diferença importante entre eles e a mula. A criança não tem ainda a maturidade para se reproduzir, o padre possui uma opção religiosa para não se reproduzir e a sua tia ainda não se casou e, portanto, ainda não foi mãe, ou seja, ainda não se reproduziu. A mula, ao contrário, não pode se reproduzir porque é estéril. Ela tem um impedimento biológico. Todas as mulas são estéreis.

F: É pai, já começo a entender que uma pergunta pode ter mais de uma resposta. Mas o que mais me incomodou é ver que uma resposta, para ser resposta, depende de mim (6, 7).

P: Porque isto te chamou a atenção?

F: Porque pela primeira vez eu vejo o quanto é importante saber falar e ouvir, para saber das coisas.

P: Isto mesmo, para conhecer alguma coisa, que significa ser capaz de oferecer boas explicações para como as coisas acontecem, depende de alguém que possa ouvir e aceitar a nossa explicação (7).

F: Mesmo que a explicação não seja verdadeira?

P: Esta é outra coisa importante. O conteúdo de verdade das nossas explicações, ou seja, o quanto elas são verdadeiras, depende do quanto elas são aceitas e postas em uso pelas pessoas que as aceitam. Com o tempo, as explicações são modificadas pelas pessoas e pelo uso que as pessoas fazem dela.

F: Então verdade não é dizer exatamente como as coisas acontecem?

P: É sim, mas quando não sabemos exatamente como elas acontecem. Então, vamos contando a história de modo que ela faça sentido e, quanto mais gente ouve, conta, reconta, mais a nossa história é testada na sua capacidade de permanecer como uma história aceitável. Neste processo, as histórias as vezes não sobrevivem, são desprezadas ou esquecidas, noutras vezes ficam melhores, fica melhor a explicação. Mas não temos nunca como saber se a melhor história é a história verdadeira, a história de fato (8). Entendeu?

F: Acho que sim, mas eu queria parar e brincar um pouco. Eu te prometo que eu vou procurar ler um pouco e também conversar com os meus professores sobre os seres vivos e estas coisas.

P: Está bem. Continuaremos esta conversa depois.

II– Sobre o que é vida

Alguns dias depois a conversa foi reiniciada.

F: Pai, eu descobri muitas coisas nestes últimos dias. Eu li pouco, mas conversei muito. Eu aprendi com os meus professores que os organismos vivos se alimentam, pegando nutrientes e energia do ambiente para se desenvolver.

P: Fico feliz que você leu (mesmo que seja pouco) e que conversou sobre o assunto com os seus professores. Mas esta resposta ainda não é suficiente. Existem outros sistemas, como a Mancha Vermelha de Júpiter, que captam matéria e energia do ambiente, se desenvolvem, mas não são seres vivos.

F: O que é a Mancha Vermelha de Júpiter?

P: Um ciclone (redemoinho) que gira há mais de 300 anos no hemisfério sul do planeta Júpiter, com um raio de milhares de quilômetros.

F: Pai, vejo que a cada momento que eu uso uma característica para tentar diferenciar os seres vivos das coisas não vivas, você me dá exemplos que acabam com o meu jeito de achar as diferenças. Assim, não tem jeito, principalmente com a quantidade de seres vivos que a gente tem no planeta. Por falar nisto, quantos seres vivos diferentes existem na Terra?

P: Não sabemos ao certo. Estima-se em 5 milhões de espécies. No entanto, este número é uma pequena parte (1%) do total que já existiu em nosso planeta. Ou seja, 99% das espécies desapareceram (cerca de 500 milhões), como os dinossauros, desde a origem da vida (9).

F: É verdade, os dinossauros. Eu posso falar o que eu aprendi com os filmes (10)?

P: Claro, vale tudo.

F: No filme “Parque dos Dinossauros”, os cientistas tiraram o DNA de um dinossauro que estava em um inseto fóssil que, quando vivo, havia picado e sugado sangue de um dinossauro, quando este também estava vivo. O DNA do sangue do dinossauro estava guardado no estômago do inseto fossilizado. Com a recuperação deste DNA os cientistas criaram os dinossauros de novo.

P: O filme quer nos dizer que a informação genética para criar os dinossauros de novo estava contida no DNA, como se fosse uma receita, um programa. Ou seja, todos os organismos vivos possuem um programa, contido no DNA, típico de cada espécie.

F: Acho que é isto mesmo. Você assistiu X-men e o Homem Aranha? O DNA pode se modificar, sofrer mutação, e os indivíduos mudam. São mais fortes, são mais evoluídos.

P: Confesso que eu estou impressionado com a sua argumentação.

F: Legal, então nós poderíamos assistir mais filmes juntos?

P: Certamente, mas eu não estou falando somente dos filmes, mas da sua capacidade de relacionar as coisas e as idéias. Eu gostaria, no entanto, de te fazer um alerta: evolução não significa, necessariamente, progresso (ficar mais forte, por exemplo) (11). A palavra evolução tem um sentido mais amplo – um sentido de mudança (12).

F: Então chegamos ao final? Quer dizer, todos os seres vivos possuem um programa genético codificado no DNA e que, ao se realizar, gera o que chamamos de vida?

P: Para um grande número de pessoas é isto, ou quase isto. Inclusive para muitos cientistas famosos (13, 14). Mas isto não me agrada completamente.

F: Como assim?

P: O DNA é uma molécula que codifica as proteínas do corpo. No entanto, o DNA precisa das enzimas (proteínas) para ser feito. Você se lembra que no filme “Parque dos Dinossauros”, os cientistas tiveram que procurar um ovo para inserir o DNA. Ele sozinho, não é capaz de nada. Ele precisa de um conjunto de proteínas para se autoduplicar. Como não havia ovo de dinossauro, porque os dinossauros já haviam desaparecido, os cientistas inseriram o DNA (do dinossauro) no ovo de uma outra espécie (uma rã). Na verdade, isto só deu certo porque é filme (15, 16). Isto não é possível na realidade mas mesmo assim, não é o DNA que se autoduplica, mas todo o conjunto - DNA mais as proteínas.

F: Mas quem veio primeiro, o DNA ou as proteínas?

P: Este é o dilema do ovo (DNA) ou da galinha (proteínas) (17). Uma saída possível para resolver este dilema foi proposta pelos neurobiólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. Eles dizem que a vida, desde o seu início, é um operar auto-criativo ao qual eles denominaram de autopoiese (*auto*= próprio e *poiesis*= criação). Segundo esta idéia, nem o DNA nem as proteínas possuem um papel especial, mas sim a operação que o DNA e as proteínas realizam de se realizarem.

Assim, as proteínas produzem a duplicação do DNA que produz as proteínas para duplicação do DNA (17).

F: Nossa, chegou a me dar uma tontura!

P: Isto mesmo! É como se formasse um círculo fechado, um círculo operacional que a rede molecular executa. Ou seja, a vida é um processo, um operar molecular. Assim, eu respondo a sua pergunta: nem ovo (DNA), nem a galinha (as proteínas), mas o chocar - o operar do sistema (1, 17).

F: É chocante! Mas eu confesso que eu não entendi onde você quer chegar.

P: Vou tentar te explicar com uma metáfora. Imagine uma roda, rodando num caminho. A roda é o ser vivo, o caminho o ambiente. Esta roda é formada por uma rede de moléculas (DNA e Proteínas) que, no seu conjunto, fazem duas coisas: (A) produzem as mesmas moléculas de que esta rede é constituída e (B) criam a superfície da roda, a fronteira que separa a roda do caminho (meio).

F: Você quer dizer que os seres vivos são rodas? A vida é um rodar?

P: Não, é só uma comparação, uma forma para você entender o que eu falei, com outras palavras. Dito isto, todos os organismos vivos são como rodas (possuem a mesma organização). No entanto, estas rodas podem se apresentar em diferentes estruturas, constituídas de diferentes materiais (madeira, borracha, ferro) e de diferentes tamanhos (pequena, grande). Assim, como existe uma variedade de tipos de rodas, existem também diferentes tipos de seres vivos – o que chamamos de biodiversidade.

F: Quando apareceu o primeiro ser vivo? Ou a primeira roda, usando sua comparação?

P: Há cerca de 3,8 bilhões de anos atrás. O interessante é que desde o aparecimento da primeira roda, ela nunca mais deixou de rodar (viver), acoplada estruturalmente ao

caminho. Durante este percurso muitas rodas surgiram, outras desapareceram, mas aquelas que ainda existem estão bem adaptadas ao caminho (18). Ou seja, a ação de rodar modifica, ao mesmo tempo, a roda e o caminho. Como diz o poeta: o caminho se faz ao caminhar. Entendeu?

F: Acho que sim. Mas o que é mesmo uma metáfora?

P: Vai dormir que agora sou eu que estou cansado.

III-Sobre as consequências de se aceitar uma explicação

Vários anos depois esta conversa foi retomada.

F: Pai, você se lembra de uma conversa que tivemos há muito tempo atrás sobre o que é vida?

P: Sim, me lembro. Era na sua fase dos porquês...

F: Eu poderia dizer que o modelo da *autopoiese* de Maturana e Varela explica o ser vivo como um sistema fechado?

P: Sim, mas espero que você faça a distinção entre um sistema fechado operacionalmente de um sistema fechado termodinamicamente. Quando dizemos que um sistema é fechado operacionalmente estamos afirmando que os elementos externos ao sistema conotado não podem determiná-lo (de fora). Se esta propriedade é satisfeita, dizemos que o sistema é autônomo (*auto*= próprio; *nomia*= lei), caso contrário, que ele é heterônimo (o sistema obedece a uma lei que lhe é exterior) (3, 6).

F: Então podemos dizer que o ser vivo é um sistema operacionalmente fechado?

P: Sim, no entanto, é importante que você entenda uma coisa: os elementos do meio podem perturbar a dinâmica interna de um sistema autônomo e, por conseguinte, o seu devir, mas não podem especificá-lo. Neste ponto, vale a pena ressaltar uma outra

coisa, não há contradição em se afirmar que um sistema autônomo, fechado operacionalmente sobre si mesmo, possa interagir com fatores do meio e manter, através destas trocas, um balanço energético positivo (negentropia) (1, 19). É importante ressaltar que o fato de um sistema autopoietico interagir, assimilar e ser perturbado, em suas interações internas recorrentes, por elementos que lhe são externos, não significa que ele sofra instrução, de fora. Na verdade, o vivo obedece sempre a uma lógica interna e nada de fora pode determiná-lo.

F: Isto quer dizer então, na perspectiva do modelo autopoietico, que não existe instrução.

P: Exatamente, a rigor, não existe instrução no espaço físico e, portanto, não existe informação (20).

F: Esta sua última afirmação suscita questões importantes para todas as áreas do conhecimento, no entanto eu gostaria que você aprofundasse um pouco mais sobre o fenômeno da linguagem.

P: Está bem, vou tentar. Parece um contrassenso, à primeira vista, afirmar que não existe informação quando se alardeia por aí que estamos em plena “sociedade da informação”. No entanto, para a Biologia do Conhecer, a noção de informação é totalmente dispensável. É dispensável para a compreensão do vivo. É dispensável para a compreensão da linguagem – enquanto epifenômeno do vivo.

F: Para dizer que uma noção é dispensável há de se anunciar uma formulação alternativa que explique o fenômeno que se quer explicar, não é mesmo? O que é que a Biologia do Conhecimento propõe como alternativa explicativa para a linguagem e para os fenômenos a ela relacionados, como o consenso interpessoal e o progresso cultural humano?

P: Para Maturana, a linguagem, enquanto fenômeno biológico, é uma maneira dos indivíduos fluírem em interações recorrentes através das coordenações de coordenações condutuais consensuais. A etimologia da palavra conversar: do latim *cum*, que quer dizer com e *versare*, que quer dizer dar voltas, sugere o que nós estamos fazendo agora: dando voltas um com o outro (7, 21).

F: Pai, gostei da guinada de nossa conversa porque estou lendo coisas parecidas com isto que você está dizendo. Mas eu te peço uma coisa, vamos fazer esta conversa bem devagar, saboreando as frases e imaginando o mundo que elas configuram e/ou apontam, ou seja, explicitando as consequências ao aceitá-las.

P: Está bem, vamos devagar, saboreando as frases como você mesmo disse. Então comece por notar, que as palavras, as frases e tudo mais na linguagem, são capazes de nos tocar, de nos emocionar e é por isso que nós podemos saboreá-las.

F: Já sei onde você quer chegar, a linguagem não pode estar associada, como muitos a imaginam, em uma área restrita do cérebro. O corpo todo fala, linguajeia, não é mesmo?

P: Perfeito. Mas Humberto Maturana nos faz dois alertas com relação à linguagem que é bom que eu os explicito agora, pois eles estão inter-relacionados: o primeiro é que a linguagem não tem lugar no corpo dos participantes mas sim no espaço de coordenações recorrentes e consensuais de conduta. O segundo, é que nenhuma conduta em particular constitui, por si só, um elemento da linguagem, mas é parte dela somente na medida em que pertencer a um fluir recursivo de coordenações consensuais de conduta. Assim, são palavras, somente aqueles gestos, sons e posturas corporais, que participam como elementos consensuais do fluir recursivo das coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem (7, 22).

F: Como estas coordenações interferem então com a corporalidade, com o saborear das frases?

P: É simples, o encontro corporal dos participantes de uma conversação desencadeiam, mutuamente, mudanças estruturais que modulam as respectivas mudanças estruturais, num *continuum* recursivo e recorrente. Por sua vez, estas mudanças estruturais seguem cursos contingentes com o fluir do conversar que está se dando. Em síntese, o que fazemos em nosso linguajar tem consequências em nossa dinâmica corporal e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar (7, 22).

F: Nesta perspectiva, eu poderia dizer que os objetos surgem com a linguagem, ou seja, eles surgem como resultado das coordenações de coordenações condutuais consensuais.

P: Isto mesmo, quando nascemos e nos inserimos no mundo, através das primeiras triangulações entre o “eu” e o apontar de um outro (mãe, no sentido lato) para um objeto, já estamos na linguagem, ou seja, na rede linguística produzida pela infinidade de recursões de coordenações de coordenações condutuais consensuais que constituem a linguagem. As ideias, os conceitos, as noções, são abstrações produzidas a partir deste mesmo mecanismo gerativo (7).

F: Podemos dizer então que todas as distinções são feitas por observadores, na linguagem, e que, diferentes tipos de objetos (concretos ou abstratos), correspondem às diferentes operações de coordenações de coordenações condutuais?

P: Exatamente isto (7, 21).

F: Isto tem algumas consequências importantes...

P: Várias, mas eu gostaria de destacar somente uma: não existe interação instrutiva para o vivo.

F: Isto você já falou!

P: Eu sei, mas isto não é assim tão trivial e ao aceitar isto temos também que aceitar que não existe informação, não existe comunicado e, radicalizando mais ainda, não existe ensino.

F: É verdade, estas noções estão logicamente vinculadas. Eu tenho o maior interesse em cada uma delas, principalmente na primeira, mas antes de discutir isto, vamos discutir um pouco o conceito de informação.

P: Para o senso comum, informar ou informação tem o sentido da ação ou do ato de instruir com conhecimento. Para a engenharia da comunicação, informar ou informação tem o sentido de fazer trafegar uma mensagem através de dois ou mais sistemas projetados e construídos de tal maneira que sejam isomórficos e complementares (emissor e receptor) (20).

F: Como o modelo autopoietico preconiza que o sistema é operacionalmente fechado, não há mensagens trafegando, não é isto?

P: Sim, mas vou além. Os organismos vivos são frutos de histórias ontogenéticas e filogenéticas e, portanto, não foram projetados e intencionalmente construídos (20).

F: Fantástico! Por que isto tem que ver justamente com o que eu queria discutir quando perguntei a respeito do sistema fechado. Mas deixa-me tomar uma água primeiro, você quer também?

P: Quero sim, obrigado.

IV-Sobre a relação com o impossível

Ambos com os copos d'água à mão.

F: É engraçado, de alguma forma vejo alguma semelhança entre as consequências destas ideias que estamos discutindo e aquelas da psicanálise.

P: E o que diz a psicanálise?

F: Pelo que eu tenho entendido, a psicanálise, principalmente aquela de orientação lacaniana, diz que, na linguagem, quem emite a mensagem é quem ouve e não quem fala (23).

P: Como assim? Explique melhor esta questão.

F: Para Lacan, a relação entre sujeitos se dá em um mundo de linguagem, no qual cada sujeito exerce a posição de significante em relação ao outro, na posição de outro significante. O sentido emerge como efeito da relação significante. Desta forma, o próprio sujeito emerge como produto da cadeia significante. É por isto que se diz que o sujeito é barrado, ou seja, ele se constitui na relação com o outro para o qual tem uma posição de outro significante e de onde emerge um sentido do qual ele não tem controle, não é dono ou é capaz de conhecer, por que é para o outro. O ato de ouvir não é passivo, mas trata-se sempre de uma interpretação. Assim, toda linguagem tem um furo, uma falha na própria estrutura da linguagem. Logo, a comunicação como transmissão de mensagens é impossível (23). Isto parece um pouco com a proposta do modelo autopoietico para a linguagem.

P: Acho que entendi a sua intuição. Nesta mesma linha, Kurt Gödel, na matemática, afirma que em todo sistema lógico existe uma assertiva não passível de demonstração e que, portanto, põe em risco o próprio sistema. Ou seja, a matemática não é plenamente matematizável, como se atingisse o seu limite interno – uma impossibilidade intrínseca (19).

F: Isto mesmo, um impossível de saber. A matemática é não toda matemática. É em torno do impossível que a psicanálise trabalha.

P: Entendo.

F: Você não diria que de alguma forma este impossível também está posto na teoria da autopoiese, uma vez que o sistema é fechado à informação e o conversar é apenas dar voltas com o outro?

P: Sim, mas para o modelo da autopoiese existem as coordenações de coordenações condutuais consensuais que não somente tornam possível que as pessoas estejam juntas, mas mais que isso, só acontece quando as pessoas estão juntas interagindo recorrentemente. Não é possível ensinar, mas é possível aprender na aceitação do outro como legítimo outro da relação. E esta é uma visão Amorosa! Esperançosa! Otimista!

F: Concordo! Mas não digo que a psicanálise tenha uma visão pessimista diante do impossível. Acho que a psicanálise simplesmente não julga, ela constata e oferece um espaço para que cada sujeito possa significar este fato.

P: Mas é um fato com o qual temos vivido bem, ou seja, surgem as guerras, os conflitos, mas o amor sempre aflora. Maturana nos mostra que o que está em jogo não é o amor cristão, mas uma disponibilidade corporal do mamífero, uma emoção básica de aceitação do outro, enquanto legítimo outro, na convivência. Este é o diferencial.

F: Mas note papai, há uma diferença que é importante ressaltar, este diferencial enseja um certo julgamento de valor, mesmo que implícito.

P: Concordo.

F: Diferentemente, a psicanálise não julga, não explica. Ela constata um fato: a impossibilidade de comunicação mediada por uma linguagem equívoca, uma vez que é o receptor que emite a mensagem. Diante deste fato, ela, a psicanálise, não tem um julgamento, não diz que é bom ou ruim, ao contrário, deixa cada sujeito significar face ao impossível: produzir.

P: E o amor? Ele não existe para a psicanálise?

F: É curioso! A formulação para o amor, na psicanálise, serve bem como exemplo do que estamos discutindo agora. Para a psicanálise o amor é dar o que não se tem (24).

P: Mais uma vez o equívoco...

F: Mais uma vez a questão do impossível.

P: Diante da estranheza do impossível da comunicação entre sistemas fechados a autopoiese cria uma explicação da possibilidade da vida cotidiana.

F: Ao inverso, a psicanálise revela a realidade cotidiana dos sujeitos imersos num mundo de linguagem equívoca.

P: Se alguém chegar aqui agora e ouvir a nossa conversa, sem ter acompanhado as recursões que fizemos na linguagem, ou não vai entender nada ou vai pensar que estamos fazendo literatura.

F: Pois bem papai, eu diria que onde a autopoiese faz prosa, a psicanálise faz poesia.

P: Entendo uma parte da sua afirmação, afinal não existe nada mais prosaico do que um artigo científico. Mas e a poesia?

F: Estou chamando de prosa um discurso sobre o objeto, um discurso que analisa, descreve, comenta o objeto. Por outro lado, o discurso poético cria ou recria o objeto, é uma nomeação do objeto (25).

P: Acho que entendo onde você quer chegar. O modelo autopoietico está falando de um mecanismo gerativo para todos os fenômenos que queremos explicar, ele é prosa neste sentido.

F: De modo diverso, a psicanálise trabalha com fenômenos tais quais o ato falho, chiste, sonho, os quais ela não descreve, ao contrário constata e proporciona um espaço de significação e ressignificação. Neste sentido ela faz poesia.

P: Podemos concluir então que a autopoiese é um discurso sobre o objeto e a psicanálise um objeto no discurso.

F: Acredito que sim.

P: Estamos diante de duas *poiesis*.

F: Sim, certamente, neste sentido eu diria que a *poiesis* da autopoiese é ontológica, enquanto aquela da psicanálise é epistemológica.

P: Mas isto tem outras consequências que...

F: Eu sei, o problema da natureza do conhecimento e da cientificidade.

P: Isto!

F: Mas esta é uma outra discussão, na qual não gostaria de entrar agora.

E saem para dar outra volta.

3- CONCLUSÃO

A reflexão travada neste ensaio foi marcada pela conversa em vários aspectos. O primeiro, e óbvio, é dado pela opção de uma estrutura de diálogo, mas que ao mesmo tempo tenta se voltar sobre si mesmo em um metálogo batesoniano, seu segundo aspecto. Isto posto, temos o terceiro aspecto que diz respeito a discussão das obras de Humberto Maturana e Francisco Varela, já em diálogo por longo tempo, mas aqui, para além disto, em discussão conjunta com a estrutura batesoniana.

Por fim, outro aspecto relevante é a presença do esforço epistemológico ensejado na atividade exegética. Isto por que acreditamos que a novidade de determinadas ideias não está, muitas das vezes, diretamente à mostra, mas devem ser extraídas das obras a partir de um grande trabalho de elaboração, de transformação e de produção teórica (26). Neste ensaio, perseguimos este objetivo com afincos e a humildade de aceitar as consequências da nossa escolha.

4- BIBLIOGRAFIA

- (1) Maturana, H. & Varela, F. 1972. *De máquinas y seres vivos*. Editorial Univiersitária, Santiago do Chile.
- (2) Maturana, H. & Varela, F. 1980. *Autopoiesis and Cognition. The realization of the living*. Reidel, Dodrecht.
- (3) Maturana, H. & Varela, F. 1984. *El arbol del conocimiento. Las bases biológicas del entendimiento humano*. Editorial Univiersitária, Santiago do Chile.
- (4) Bateson, G. 1972. *Steps to an Ecology of Mind*. Balantine Books, New York.
- (5) Andrade, L. A. & Silva, E. P. 2003. O que é vida? *Ciência Hoje das Crianças* 16(132):19-21.
- (6) Maturana, H. 2001. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Editora UFMG, Belo Horizonte.
- (7) Maturana, H. 1997. *A ontologia da realidade*. Editora UFMG, Belo Horizonte.
- (8) Chalmers, A. F. 1982. *What is this thing called science?* Open University Press, England.
- (9) Margulis, L. & Sagan, D. 2002. *O que é vida?* Jorge Zahar Editor, RJ.
- (10) Azevedo, D. & Silva, E. P. 2002. Comunicação, informação e educação: assimilação do discurso da mídia à fala dos alunos sobre a teoria evolutiva. *Movimento* 5:143-153.
- (11) Ruse, M. 1993. Evolution and Progress. *Trends Ecol. Evol.* 8(2):55-59.
- (12) Silva, E. P. 2001. A short history of evolutionary theory. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 8(3):671-687.
- (13) Jacob, F. 1983. *A lógica da vida*. Edições Graal, RJ.
- (14) Monod, J. 1976. *O acaso e a necessidade*. Vozes, RJ.
- (15) Pinto-Correia, C. 1999. *O ovário de Eva: a origem da vida*. Ed. Campus Ltda, RJ.
- (16) DeSalle, R. & Lindley, D. 1998. *Jurassic Park e o Mundo Perdido ou como fazer um dinossauro*. Editora Campus, SP.
- (17) Andrade, L. A. & Silva, E. P. 2003. O que é vida? *Ciência Hoje* 32(191):16-23.
- (18) Maturana, H. & Mpodozis, J. 1992. Origen de las especies por medio de la deriva natural. *Publicacion Ocasional No 16, Museu Nacional de Historia Natural*: 48 p.

- (19) Stewart, I. 1991. *Será que Deus joga dados? A nova matemática do caos*. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- (20) Maturana, H. 1983. Sobre Fedanzo Jr., Anthony. All things are full of gods or information. *J. Social Biol. Struct.* 6:155-158.
- (21) Maturana, H. 2000. O que se observa depende do observador. Pp. 61-66. In: *Gaia – Uma teoria do conhecimento*. Editora Gaia, São Paulo.
- (22) Maturana, H. 1998. *Da Biologia à Psicologia*. Editora Artes Médicas, Porto Alegre.
- (23) Cottet, S. 1989. Penso onde não sou, sou onde não penso. Pp. 11-23. In: *Lacan*. Miller, G. (org.). Jorge Zahar Editor, RJ.
- (24) Lacan, J. 1982. *Seminário 20: mais, ainda*. Zahar Editores, RJ
- (25) Faustino, M. 1977. Que é poesia? Pp.59-69. In *Poesia-Experiência*. Editora Perspectiva, SP.
- (26) Althusser, L. S/d. *Sobre o trabalho teórico*. Editorial Presença, Portugal.